



Da esquerda para a direita: guabiropa em flor, araçá-do-campo, murici-do-cerrado e caroba-do-campo, plantas que podem ser encontradas nas áreas de cerrado no Campus Universitário

USP derruba vegetação de cerrado após prometer 'museu vivo' na área

Remoção ocorreu para dar lugar a um refeitório e a banheiros provisórios para trabalhadores

Local abriga a língua-de-tucano, planta rara na cidade e que foi usada por Anchieta para fazer alpercatas

VANESSA CORREA
DE SÃO PAULO

Quase metade de uma área com vegetação nativa de São Paulo foi arrasada na Cidade Universitária da USP, no Butantã (zona oeste), dois anos e dois meses após a universidade se comprometer a criar um "museu vivo" no local e a preservar a região.

Os campos cerrados devastados fazem parte de uma rara área remanescente de vegetação que deu origem a um dos primeiros nomes da capital (Campos de Piratininga).

A remoção ocorreu para dar lugar a um refeitório e a um banheiros provisórios para trabalhadores da obra do novo Centro de Convenções, que possuirá três grandes salas (uma delas um anfiteatro para 1.600 pessoas).

Após a descoberta da "reliquia ambiental", como foi chamada pela secretaria municipal do Verde, o então reitor da USP João Grandino Rodas baixou uma portaria para preservar áreas com vegetação de cerrado no campus.

Uma delas fica perto do ICB (Instituto de Ciências Biomédicas). A outra, próxima à Faculdade de Veterinária e do



O botânico Ricardo Cardim, 36, com uma muda de murici-do-cerrado, em área desmatada da Cidade Universitária, em SP

novo Centro de Convenções em projeto, é a que incluía os cerca de 4.000 m² que foram parcialmente desmatados.

Nessa área, a reitoria havia prometido criar um "museu vivo" do cerrado para exibir espécies hoje raras na cidade, como o araçá-do-campo, que nomeou o antigo "Camino do Araçá" e o "Cemitério do Araçá", e a língua-de-tu-

cano, usada pelo padre Anchieta para fazer alpercatas. Até hoje, o "museu vivo", que deveria ter ficado pronto em 2012, não saiu do papel.

"Foi assustador ver a área desmatada, ainda mais considerando estar no centro da inteligência e pesquisas brasileiras. E eles fizeram um absurdo plantio de mudas de árvores da mata atlântica em ci-

ma de uma vegetação raríssima", relata o botânico Ricardo Cardim, que descobriu a vegetação em 2010.

Cardim diz que a parte arrasada estava na faixa mais preservada da vegetação. Além disso, as árvores plantadas são maiores do que as normalmente encontradas no cerrado, composto principalmente de arbustos, que po-

dem morrer devido à sombra. A professora de botânica da USP Natuza de Menezes lamentou o desmatamento.

"Deveriam ter pedido um parecer para nós, da botânica", diz. Ela afirma que a preservação daquela vegetação tem importância histórica e ambiental. "Quanto mais exemplares houver ali, melhor para preservar o fluxo genético."

OUTRO LADO

Arbustos não têm proteção, diz universidade

DE SÃO PAULO

Em nota enviada pela assessoria de imprensa, a USP afirmou que "a vegetação arbustiva não é protegida" pelo poder público.

Segundo a universidade, "a obra foi licenciada dentro da legislação ambiental vigente", pela qual não é necessária autorização municipal para retirar a vegetação com menos de cinco centímetros de diâmetro no tronco (na altura do peito).

O "museu vivo do cerrado" será implantado após o final da obra do Centro de Convenções, mas não há prazo.

Segundo a universidade, a área de 3.000 m² onde será criado o museu está "demarcada e isolada, tanto dos trabalhadores da obra quanto do público". No perímetro, foram identificados 445 exemplares de 20 espécies.

Para o botânico Ricardo Cardim, o fato de a vegetação não ser protegida pela prefeitura é irrelevante. "O que vale é o compromisso feito pela reitoria, por meio de um decreto." A USP não foi localizada para comentar a crítica.

“Era uma área muito bonita, que se emendava com os campos do cemitério do Morumbi. Deveriam ter pedido um parecer para nós

NATUZA DE MENEZES
professora de botânica da USP

Calor e estiagem fazem casos de queimadas no país dobrarem

Desde janeiro, Estados registraram 65.789 ocorrências, diz Inpe

CRISTINA CAMARGO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA,
EM BAURURU (SP)

A falta de chuva e as altas temperaturas deste ano deixaram o Brasil em chamas. Dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) mostram que os focos de queimadas dobraram em relação ao ano passado.

De janeiro a 26 de agosto de 2013, satélites registraram em todos os Estados brasileiros 33.041 focos de queimadas, ante 65.789 no mesmo intervalo deste ano.

É a situação mais crítica dos últimos quatro anos.

O forte calor do início do ano e a seca persistente causaram estresse da vegetação, o que favorece a propagação do fogo. Mas, para pesquisadores, a ação humana é a maior causa de incêndios.

"São raras as comprovações de propagação espontânea do fogo", afirma Fabiano Morelli, analista do Inpe. Como exemplo, ele cita um raio que atinge a vegetação seca.

Segundo Morelli, as principais ocorrências estão em terrenos baldios, áreas rurais, restos de construção e des-

cartes em estradas.

As queimadas causam destruição na fauna e flora, empobrecem o solo, reduzem a penetração de água no subsolo e podem causar mortes e acidentes. A poluição prejudica a saúde das pessoas e interfere nos ecossistemas.

Moradora de área próxima a terrenos com matas em Baururu (SP), a turismóloga Ofélia Moreira, 47, sofre diariamente os efeitos das queimadas na região. Ela conta que é comum ver pessoas jogando lixo e ateando fogo à vegetação para queimar os resíduos.

"Passo o dia respirando fumaça. Tenho dor de cabeça. Nesta semana, mesmo com os vidros fechados dormi respirando fumaça", afirmou.

Em Goiás, a Polícia Rodoviária Federal divulgou alerta na semana passada por causa do grande número de queimadas às margens de rodovias, que aumentam o risco de acidentes.

SECA NAS REGIÕES

A seca foi mais acentuada nas regiões central e sudeste do país, segundo o coordenador do monitoramento de queimadas do Inpe, Alberto

Setzer, mas também foi sentida em outras áreas.

A associação entre tempo seco e o aumento de queimadas pode ser percebida em Mato Grosso, onde foram detectados 12.872 focos de incêndio neste ano —no mesmo período do ano passado, o Estado teve 7.652 focos.

Já Rondônia e Pará registraram os maiores aumentos de focos de queimadas. No primeiro, o crescimento foi de 379% —de 621 focos para 2.975. No segundo, o aumento foi de 298% —de 2.349 para 9.368 focos.

"Na minha cidade tem queimada todo dia, por volta das 18h. A cidade fica tomada por cinzas e fumaças. Muitas crianças e adultos adoecem", relata a recepcionista Flávia Lopes, 27, moradora de Parauapebas, no Pará. "Eu sinto falta de ar", diz.

Para Gabriel Zacharias, chefe substituto do Prevfogo, centro especializado do Ibama, queimadas em áreas de floresta amazônica e mata atlântica, que podem nunca mais se recuperar, são as mais preocupantes. Já no cerrado a recuperação é mais fácil, pelo tipo de vegetação.

FOGO NO BRASIL

Focos de incêndio dobraram no país de janeiro a agosto, na comparação entre 2013 e 2014*

Estado	Casos em 2013**	Casos em 2014**	Varição (em %)
Rondônia	621	2.975	379,1
Pará	2.349	9.368	298,8
Rio Grande do Sul	365	1.338	266,6
Amazonas	1.224	3.802	210,6
Rio de Janeiro	193	548	183,9
Distrito Federal	56	141	157,8
São Paulo	1.072	2.578	140,5
Maranhão	3.672	8.486	131,1
Amapá	13	30	130,8
Piauí	1.618	3.733	130,7
Acre	452	994	119,9
Paraíba	65	140	115,4
Goiás	1.312	2.331	77,7
Minas Gerais	1.845	3.274	77,5
Roraima	742	1.311	76,7
Mato Grosso	7.652	12.872	68,2
Ceará	213	347	62,9
Tocantins	4.324	6.334	46,5
Paraná	819	1.128	37,7
Santa Catarina	442	541	22,4
Pernambuco	168	204	21,4
Alagoas	127	134	5,5
Rio Grande do Norte	67	70	4,5
Espírito Santo	151	144	-4,6
Bahia	1.977	1.770	-10,5
Mato Grosso do Sul	1.313	1.105	-15,8
Sergipe	165	79	-52,1

*em 2014, houve 12 incêndios em áreas de litígio. O número deve ser somado ao total de casos em 2014 **até 26 de agosto
Fonte: Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)

65.789

é o total de queimadas no país neste ano, de janeiro a 26 de agosto